ESCARLATE, A COR DA LOUCURA: FEITICEIRA ESCARLATE E AS REPRESENTAÇÕES DAS MULHERES ESTADUNIDENSES (1985/1989)

Brayan Gaudêncio Rocha (PROVIC), Janaina de Paula do Espírito Santo, Angela Ribeiro Ferreira (Orientadoras), e-mail: 20003490@uepg.br e-mail do orientador: angelarf@uepg.br.

Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de História

História e História da América.

Palavras-Chave: *História em Quadrinhos, Gênero, História das Mulheres, História dos Estados Unidos, Backlash nas HQs.*

Resumo

Wanda Maximoff, a Feiticeira Escarlate, criada por Stan Lee e Jack Kirby em 1964, oscilou entre vilã e heroína, sendo vista como ameaça por seu poder e instabilidade emocional. Nos anos 1980, Steve Englehart e Richard Howell a tornaram mãe em *Vision and the Scarlet Witch* n. 1-12 (1985/1986), enquanto John Byrne, em *The West Coast Avengers* n. 42-53 (1989/1990), retirou seus filhos e marido, gerando um colapso mental duradouro. Esta pesquisa analisa como as histórias refletem o papel social das mulheres nos EUA, com base no conceito de Backlash, de Susan Faludi (2001), buscando ampliar o entendimento sobre o papel feminino nos anos 1980 e a importância das HQs como fontes históricas.

Introdução

Os anos 1980 foram marcados, nos Estados Unidos, por um grande contra-ataque cultural ao movimento feminista dos anos 1960-70. Este movimento antifeminista, chamado de “backlash”, buscou, através da mídia, da cultura popular e da publicidade, impedir os progressos conquistados pela segunda onda do movimento feminista, seja pelo elogio e reforço das características vistas como positivas (filha, esposa e mãe) e um ataque as negativas (solterias, trabalhadoras e militantes) (Faludi, 2001). Partindo da visão proposta por Umberto Eco, podemos ler a Feiticeira Escarlate (*Marvel Comics*), como uma personagem típica. O que faz uma certa personagem típica é sua relação com o leitor, que reconhece nela uma humanidade ou sensibilidade, mas também quando “exprimem com eficácia as condições da civilização contemporânea e o estado de uma cultura.” (Eco, 1976, p. 222). Nesse sentido, ela não é somente uma bruxa mutante, extremamente poderosa, mas sim uma mulher, uma mãe, que acaba enlouquecendo e que exprime em si um espelho das mulheres do mundo real, ou da visão que se tem delas. Nesta pesquisa, foquei minha análise somente nas histórias em quadrinhos dos anos 1980, analisando a transformação sofrida pela personagem entre uma história e outra, para podermos entender a construção do imaginário popular sobre as mulheres e sua função social nos Estados Unidos no fim dos anos 1980.

Materiais e Métodos

O primeiro passo da pesquisa consistiu na leitura das fontes primárias,e na seleção de trechos para análise. O critério de seleção foi baseado no discurso verbal e visual, destacando quadros que falassem sobre: papel social de gênero, traição, mercado de trabalho e agressividade. Além disso, foi elaborada uma planilha com os dados das 24 capas, destacando a temática e os elementos presentes. Seguiu-se uma análise qualitativa dos trechos destacados, narrativa e estética.

Resultados e Discussão

O backlash pode ser visto nas HQs. A primeira minissérie inicia com a saída do casal dos Vingadores, grupo de super-heróis do qual faziam parte desde meados dos anos 1960, a partir de uma discussão com um representante do governo. Essa decisão é seguida de uma mudança para Leonia (Nova Jersey) e do nascimento dos gêmeos Billy e Tommy. Em 1989, ela retorna para os Vingadores, reassumindo seu trabalho como heroína. Seu retorno ao mercado de trabalho tem um preço: a perda de seu marido e filhos. Seu marido acaba sendo sequestrado e desmantelado, perdendo a sua humanidade ao ser remontado. Enquanto seus filhos desaparecem conforme ela está ocupada. Isso leva Wanda a um estado de colapso, se tornando agressiva, chegando a agredir fisicamente seus colegas de equipe. A solução final é apagar os filhos da mente da Feiticeira, deixando-a praticamente em coma.

Conclusão ou Conclusões

Apesar de não culparem diretamente o feminismo, as minisséries atuam dentro do backlash, enquanto uma exalta e defende o papel da mulher como dona do lar, a outra condena a mulher que trabalha e deixa os filhos com as babás, esquecendo de suas existências. Quando a mulher foge de seu lugar ideal, o lar, ela enlouquece, “entra em parafuso”, se corrompe e vive uma vida infeliz.

Agradecimentos

Agradeço ao PROVIC e as orientadoras.

ECO, Umberto. Apocalípticos e Integrados. 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1976.
FALUDI, Susan. Backlash: o contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
GUERRA, Fábio Vieira. A Crônica dos Quadrinhos: Marvel Comics e a História Recente dos EUA (1980-2015). 2016. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em História, Niterói, 2016.